

# TABULEIRO DE LETRAS

## O signo e seus conceitos: De Saussure a Bakhtin/Volochínov

### *The sign and its concepts: From Saussure to Bakhtin/Volochínov*

Verônica Franciele Seidel<sup>1</sup>

Charlies Uilian de Campos Silva<sup>2</sup>

RESUMO: Este estudo se destina a discorrer e refletir acerca de duas noções de signo amplamente presentes nos estudos sobre língua: o conceito de signo linguístico, cunhado por Ferdinand de Saussure, e o conceito de signo ideológico, proposto por Mikhail Bakhtin e o Círculo. Para isso, apresentamos primeiramente a noção de signo linguístico; em seguida, tratamos da noção de signo ideológico; e, por fim, estabelecemos um cotejo entre essas duas formas de conceber o signo, refletindo sobre suas implicações. Percebemos que cada uma dessas correntes teóricas tem propósitos e fundamentos diametralmente distintos, permitindo contribuições e análises também distintas. Enquanto que, para Saussure, a língua é explicável por si mesma e comporta-se como um fenômeno que possui uma causa própria – pois o sistema linguístico consiste em uma organização interior à própria língua –, para Bakhtin e o Círculo, a língua está indissociavelmente ligada ao ser humano e à sua ação no mundo.

Palavras-chave: Teoria linguística; Signo linguístico; Signo ideológico.

ABSTRACT: This study aims to discuss and reflect on two widely present notions of sign in the study of language: the concept of linguistic sign, coined by Ferdinand de Saussure, and the concept of ideological sign, proposed by Mikhail Bakhtin and the Circle. For this, we initially present the notion of linguistic sign; then we discuss the notion of ideological sign; and finally, we establish a comparison between these two ways of conceiving the sign and we reflect on their implications. We realize that each of these theoretical currents has diametrically different purposes and grounds, allowing also distinct contributions and analysis. Whereas for Saussure, language is explained by itself and behaves as a phenomenon that has its own cause, since the language system consists of an internal organization of the own language, according to Bakhtin and the Circle, the language is inextricably linked to the human being and their action in the world.

Keywords: Linguistic theory; Linguistic sign; Ideological sign.

### Considerações Iniciais

Seja de um ponto de vista interno à língua, que considere o sistema de funcionamento dos mecanismos linguísticos, seja de um ponto de vista externo, que aborde os aspectos

---

<sup>1</sup> Mestre em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: veronicaseidel@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutorando em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: uilian.campos@restinga.ifrs.edu.br.

sociais em que a língua está inserida, ou, ainda, de um ponto de vista que considere o social como constitutivo da língua, o conceito de signo mostra-se fundamental para compreender o que é a língua e como esta funciona. Exemplos disso são as teorias pensadas por Saussure e por Bakhtin/Volochínov, difundidas, respectivamente, por meio do *Curso de Linguística Geral*<sup>3</sup> e por meio de obras pertencentes aos integrantes do denominado Círculo de Bakhtin<sup>4</sup>.

Tendo em vista tal pressuposto, o presente texto destina-se a apresentar as definições de signo propostas por Saussure e por Bakhtin/Volochínov, que foram concebidas em épocas próximas, mas em contextos marcadamente distintos. Ressalta-se que o propósito consiste em discorrer sobre os seus fundamentos e as suas implicações, a fim de refletir sobre o alcance e a contribuição de cada uma delas. Para tanto, este estudo se estrutura da seguinte forma: inicialmente, apresentar-se-ão os principais pontos do pensamento de Saussure, com ênfase em sua definição de signo; após, o mesmo será feito em relação às proposições de Bakhtin/Volochínov; e, por fim, será exposta uma análise de cunho comparativo entre as duas definições, ressaltando suas especificidades.

### Saussure e o Signo Linguístico

Com Ferdinand de Saussure, no século XX, tem início o que se pode denominar de “ciência da língua”, uma vez que Saussure definiu um objeto e um método para o estudo dessa ciência – a Linguística – em um contexto positivista<sup>5</sup>. Para isso, foi necessário estruturar toda uma teoria, até então inexistente, na qual a estrutura predomina sobre o sujeito, que explicasse o funcionamento dos mecanismos linguísticos.

Saussure começa, então, expondo que os fenômenos constitutivos da linguagem, definidos por ele como língua e fala, são de caráter diverso. Enquanto a fala consiste na “soma do que as pessoas dizem”, conforme explica Saussure (2006, p. 27) no *Curso de*

<sup>3</sup> Devido à extensão deste texto e a uma escolha de caráter metodológico, as referências a Saussure estarão embasadas apenas no *Curso de Linguística Geral*, publicado pela primeira vez em 1916, de modo que não serão levados em conta, nesta análise, os manuscritos originais do autor, publicados no Brasil sob o título de *Escritos de Linguística Geral*.

<sup>4</sup> Neste estudo, serão analisadas apenas algumas obras que foram publicadas sob o nome de Bakhtin, de Volochínov ou de ambos, com ênfase em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, publicado originalmente em 1929, que impulsionou a difusão das ideias do Círculo de Bakhtin no Brasil. A referência à autoria nas citações respeitará o que consta nas edições consultadas para este estudo.

<sup>5</sup> O positivismo visava à sistematização de forma objetiva do objeto, primando pelo método quantitativo. Para isso, era necessária uma separação total entre sujeito (pesquisador) e objeto (pesquisado), de modo que só interessaria aquilo que pode ser mensurado e quantificado, tal como fez Saussure, ao distinguir língua e fala, atribuindo a esta o caráter episódico e individual, ou seja, ligando-a ao sujeito e não ao sistema.

*Lingüística Geral*<sup>6</sup>, isto é, em manifestações individuais e momentâneas, a língua é “um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos”. (SAUSSURE, 2006, p. 17).

Logo, a linguagem, por abarcar fenômenos tão distintos, é heterogênea. No entanto, como definir o estudo de uma ciência a partir de um objeto com essa característica? Uma ciência, para Saussure e para a tradição do Oeste europeu dos estudos da linguagem, deve ocupar-se do estável, do geral, de modo que não é possível reunir, sob o mesmo ponto de vista, a língua e a fala, Saussure opta pela língua, pois esta é homogênea e faz a unidade da linguagem, conforme explicita Normand (2009).

Isso não significa, entretanto, que Saussure atribua o estudo da fala a outro campo da ciência que não à Linguística: para ele, a atividade de quem fala também deve ser estudada no âmbito da Linguística, já que a fala se subordina à língua pela relação que mantém com esta e que as tarefas da Linguística seriam:

- a) fazer a descrição e a história de todas as línguas que puder abranger, o que quer dizer: fazer a história das famílias de línguas e reconstituir, na medida do possível, as línguas-mães de cada família;
- b) procurar as forças que estão em jogo, de modo permanente e universal, em todas as línguas e deduzir as leis gerais às quais se possam referir todos os fenômenos peculiares da história;
- c) delimitar-se e definir-se a si própria (SAUSSURE, 2006, p. 13).

Contudo, a definição da língua como objeto da Linguística que Saussure se propõe a delimitar implica, necessariamente, a eliminação de tudo o que seja estranho ao sistema, pois não é possível estudar, simultaneamente, esses dois aspectos da linguagem. É por esse motivo que Saussure escolhe apenas um desses aspectos para voltar sua atenção.

A língua, objeto da Linguística tal como definida por Saussure, pode ser entendida como um sistema de signos. Assim, o signo linguístico ou a unidade linguística é “uma coisa dupla, constituída da união de dois termos” (SAUSSURE, 2006, p. 79), ambos psíquicos e unidos, no cérebro dos falantes, por um vínculo de associação:

O signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão psíquica desse som, a representação que dele nos dá o

---

<sup>6</sup> Trata-se da 27ª edição brasileira, traduzida por Antônio Chelani, José Paulo Paes e Izidoro Bilkstein e publicada pela Cultrix, em 2006.

testemunho de nossos sentidos; tal imagem é sensorial e, se chegamos a chamá-la “material” é somente neste sentido, e por oposição ao outro termo da associação, o conceito, geralmente mais abstrato. (SAUSSURE, 2006, p. 80).

A partir disso, Saussure afirma que o signo linguístico é uma entidade psíquica de duas faces – também definidas como significado e significante – e “que somente as vinculações consagradas pela língua” são conformes à realidade (SAUSSURE, 2006, p. 80). O signo linguístico, combinação entre significado e significante, tem duas características primordiais: é arbitrário e seu significante tem caráter linear. Quanto à primeira característica, Saussure afirma que “o laço que une o significante ao significado é arbitrário” (SAUSSURE, 2006, p. 81) e que, sendo o signo resultante da associação de um significante com um significado, o signo linguístico é arbitrário. Desse modo, não há razão para que determinada sequência de sons esteja associada a determinado conceito. O fator responsável por essa união consiste na convenção pura e simples estabelecida por um hábito coletivo. Prova disso, para Saussure, seriam as diferenças entre as línguas e a própria existência de línguas diferentes.

Quanto ao segundo princípio, o caráter linear do significante, Saussure afirma que o “significante, sendo de natureza auditiva, desenvolve-se no tempo, unicamente, e tem as características que toma do tempo: a) *representa uma extensão*, e b) *essa extensão é mensurável numa só dimensão*” (2006, p. 84, grifos do autor). Os significantes apresentam-se um após o outro, formando uma cadeia, fato que pode ser observado, por exemplo, quando se utiliza a escrita para representá-los, em que a sucessão do tempo é substituída pela linha espacial de sinais gráficos.

Diante de tais questões, Saussure explica o que poderia constituir um paradoxo: se o signo linguístico é arbitrário, o que faz então com que ele se mantenha relativamente estável, já que qualquer associação é possível? Para explicitar tal aspecto, o linguista diz que a língua consiste em uma herança da época precedente, ou seja, em um produto herdado de gerações anteriores, acrescentando que “um dado estado de língua é sempre um produto de fatores históricos e são esses fatores que explicam porque o signo é imutável, vale dizer, porque resiste a toda substituição”. (SAUSSURE, 2006, p. 86).

Saussure afirma, ainda, que, se

a língua possui um caráter de fixidez, não é somente porque está ligada ao peso da coletividade, mas também porque está situada no tempo. A todo instante, a solidariedade com o passado põe em xeque a liberdade de

escolher [...] há um vínculo entre a convenção arbitrária, em virtude da qual a escolha se faz livre, e o tempo, graças ao qual a escolha se acha fixada. (SAUSSURE, 2006, p. 88).

Percebe-se aqui a importância dada ao fator tempo na teoria saussuriana, já que este é responsável por assegurar a continuidade da língua e, também, por alterar os signos linguísticos.

Essa alteração pode ser definida como um deslocamento da associação entre o significado e o significante, de tal modo que o vínculo entre um e outro se torna fraco e há um deslocamento em sua relação, isto é, “outras correspondências surgiram entre a matéria fônica e a ideia”. (SAUSSURE, 2006, p. 90). Para explicitar tais alterações, o mestre genebrino traz como exemplo o termo *necāre*, que, em latim, significava “matar” e que deu origem, em francês, ao termo *noyer*, que significa “afogar”. Nesse exemplo, tanto o significado quanto o significante sofreram mudanças, ou seja, houve um deslocamento em sua relação (*necāre/noyer*; “matar”/“afogar”). Outro exemplo é o termo latino *aqua* que originou o vocábulo *água* em português, caso em que, embora apenas o significante tenha se alterado, houve, também, um deslocamento da relação entre significante e significado.

Tal característica se deve ao fato de que uma “língua é radicalmente incapaz de se defender dos fatores que deslocam, de minuto a minuto, a relação entre o significado e o significante”, já que o signo é arbitrário (SAUSSURE, 2006, p. 90). Apesar desse embate entre a mutabilidade e a imutabilidade, “o que domina, em toda alteração, é a persistência da matéria velha; a infidelidade ao passado é apenas relativa. Eis porque o princípio da alteração se baseia no princípio de continuidade” (SAUSSURE, 2006, p. 89).

Dito isso, Saussure apresenta a seguinte definição: “a língua é para nós a linguagem menos a *fala*. É o conjunto dos hábitos linguísticos que permitem a uma pessoa compreender e fazer-se compreender”. (SAUSSURE, 2006, p. 92, grifo do autor). Ressalta-se, assim, que os signos, embora arbitrários no que tange à relação entre o significado e o significante, para a comunidade linguística que o emprega, são impostos: “um indivíduo não somente seria incapaz, se quisesse, de modificar em qualquer ponto a escolha feita, como também a própria massa não pode exercer sua soberania sobre uma única palavra”. (SAUSSURE, 2006, p. 85). Além disso, é preciso lembrar que, conforme Saussure, a reflexão sobre a língua não existe por parte dos falantes, já que estes, em sua maioria, não conhecem suas leis de funcionamento e, ainda que as conhecessem, não teriam razão para escolher determinada forma em detrimento de outra, justamente em função do caráter arbitrário dos signos linguísticos.

Assim, não teriam capacidade para proceder a qualquer alteração na língua sem a intervenção de especialistas (gramáticos, lógicos, filólogos etc.).

Dessa forma, é possível depreender que, na concepção de língua de Saussure, as forças de conservação predominam em relação às forças de alteração. O signo, para Saussure, é estável e compreensível apenas em seu valor na língua, já que esta é sempre recebida pela massa de falantes como uma herança ou um produto da época precedente, em que a relação entre significante e significado não é mediada pela experiência, mas baseada em um conjunto de normas. Ao contrário, para Bakhtin/Volochínov, o signo é concebido justamente em função de seu valor no mundo, isto é, tendo em vista o campo da experiência humana.

### Bakhtin/Volochínov e o Signo Ideológico

Pouco depois do surgimento do *Curso de Linguística Geral*, vem à tona uma série de obras, publicadas sob a autoria dos diferentes integrantes do denominado Círculo de Bakhtin<sup>7</sup>, que são oriundas de desafios sociológicos enfrentados pela União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) naquele período. Trata-se dos anos de 1920-1930, momento posterior à Revolução Russa de 1917, que pôs fim a quatro séculos de domínio czarista e levou os bolcheviques ao poder, culminando com a criação da URSS, que durou até 1991. Nesse contexto, a língua assume papel fundamental, pois estaria, na visão dos estudiosos do Círculo, ligada, intrinsecamente, às determinações históricas, à ação do ser humano sobre o mundo e, conseqüentemente, às transformações sociais.

Ressalta-se que, para a tradição soviética dos estudos da linguagem, não há distinção entre língua e fala, pois não haveria uma distinção entre campo do conhecimento (objeto de estudo) e campo da prática (sistema em uso pelo ser humano), como ocorre na tradição do Oeste europeu. Dessa forma, será utilizado o termo língua<sup>8</sup> para designar o que, para Saussure, é linguagem e divide-se em língua e fala.

<sup>7</sup> O Círculo de Bakhtin consiste em um grupo de estudiosos composto por Mikhail Mikhailovitch Bakhtin, filólogo e historiador (1895-1975); Valentin Nikolaevich Volochínov, linguista e docente (1835-1936); Pável Medviédév, jornalista literário e membro do Comitê do Partido Comunista da União Soviética (PCUS) (1891-1938); Boris Michailovitch Zoubakine, poeta e escultor (1894-1937), Matvei Isaevich Kagan, filósofo (1889-1937); Lev Isaevich Pumpianski, professor (1891-1940); Ivan Ivanovich Kanaev, biólogo, filósofo e historiador da ciência (1897-1973); e Maria Veniaminovna Yudina, pianista e professora (1899-1970).

<sup>8</sup> *Yazik* em russo.

De acordo com Volochínov (2013) no texto *Que é a linguagem*<sup>9</sup>, publicado originalmente em 1930, a língua origina-se da atividade coletiva humana, refletindo e refratando em todos os seus elementos tanto a organização econômica quanto a sociopolítica da sociedade que a gerou. A língua está, assim, em constante processo de atualização, não sendo apenas um sistema abstrato de signos ou um produto estático, mas um sistema de signos com valor ideológico, conforme Bakhtin/Volochínov (2009) em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, obra que data de 1929<sup>10</sup>.

Na medida em que a língua perpassa diferentes classes sociais – carregando, portanto, possibilidades distintas de orientação ideológica –, por meio dela o indivíduo posiciona-se no mundo ao enunciar. Esse posicionamento, no entanto, só se constitui no interior de um determinado grupo social. Pode-se afirmar, a partir disso, que a ideologia é indissociável da língua e que esta é condição para produção, conservação e transformação de valores e condutas.

Sob esse ponto de vista, a verdadeira essência da língua, conforme Volochínov/Bakhtin (2011) em *A palavra na vida e na poesia: introdução ao problema da poética sociológica*<sup>11</sup>, consiste no evento social da interação verbal. Todo e qualquer acontecimento do enunciado advém da interação de dois indivíduos socialmente organizados, de acordo com a obra *Estética da Criação Verbal* (BAKHTIN, 2010)<sup>12</sup>. Assim, todo signo comporta duas faces, pois é determinado pelo fato de que procede *de* alguém (locutor) e se dirige *para* alguém (ouvinte), conforme Bakhtin/Volochínov (2009, grifos do autor).

O signo para Bakhtin/Volochínov é ideológico, pois possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo (um objeto ou um acontecimento), refratando e refletindo outra realidade que não a sua. Dessa forma, o signo linguístico, por apresentar essas características, é um signo ideológico – diz respeito a uma realidade outra que não a sua própria (ou seja, a realidade material fônica), mas sim a algum fenômeno da natureza ou da consciência social, conforme Bakhtin/Volochínov (2009). Nesse sentido, ressalta-se, ainda, que:

---

<sup>9</sup> As considerações aqui expostas remetem à versão do texto que consta na obra intitulada *A construção da enunciação e outros ensaios*, organizada por João Wanderley Geraldi e publicada pela Pedro & João Editores, em 2013. Já na tradução francesa de Patrick Sériot, o mesmo texto intitula-se *O que é a língua e a linguagem*.

<sup>10</sup> O texto utilizado para este estudo consiste na 13ª edição brasileira, publicada pela Hucitec em 2009 e traduzida por Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira, que apresenta algumas discordâncias terminológicas em relação, por exemplo, à última versão francesa, cuja tradução diretamente do russo foi coordenada por Patrick Sériot em 2010.

<sup>11</sup> Para este estudo, foi utilizada a versão que consta na obra *Palavra própria e palavra outra na sintaxe da enunciação*, publicada pela Pedro & João Editores em 2011. A obra original em russo data de 1926.

<sup>12</sup> Trata-se da 5ª edição, publicada pela WMF Martins Fontes, em 2010, e traduzida diretamente do original russo *Estetika Sloviésnova Tvórtchestva* (escrito em 1975) por Paulo Bezerra.

Cada signo ideológico é não apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também um fragmento material dessa realidade. Todo fenômeno que funciona como signo ideológico tem uma encarnação material [...]. Um signo é um fenômeno do mundo exterior. O próprio signo e todos os seus efeitos (todas as ações, reações e novos signos que ele gera no meio social circundante) aparecem na experiência exterior (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 33).

Como um mesmo signo é utilizado por diferentes classes sociais, ele inevitavelmente carrega diferentes acentos de valor, isto é, reflete e refrata as percepções da realidade dessas classes, que são distintas. Tal fato ocorre pois nenhum signo, justamente porque é utilizado por sujeitos reais em momentos específicos da história, reflete “objetivamente” o objeto ou o conteúdo a que se refere – “cada homem, ao conhecer a realidade [que é heteróclita, fragmentada e impossível de ser apreendida em sua totalidade], a conhece de um determinado ponto de vista”, que é aquele da classe a que pertence, conforme explica Volochínov (2013, p. 198), em *A palavra e sua função social*, ensaio publicado em 1930<sup>13</sup>, e essa realidade é apreendida justamente por meio dos signos – são eles que medeiam o acesso ao mundo exterior. Assim, todo signo também refrata tanto a realidade que designa quanto o ser que o utiliza devido ao entrecruzamento de interesses sociais orientados de diferentes modos. Esse fenômeno da luta de classes, que leva à refração de opiniões, avaliações e pontos de vista é o que torna o signo vivo e móvel, já que ele é sensível aos embates sociais, que mudam constantemente no decorrer da história. Ou seja,

A realidade objetiva histórica e natural torna-se tema de nossas palavras, enquanto signos ideológicos. A palavra, como qualquer signo ideológico, não reflete simplesmente a realidade, mas a interpreta no intercâmbio comunicativo social vivo, na interação verbal viva. Isto ocorre porque as relações de classe, refratando-se nas palavras, impõem-lhe certo sombreamento do significado, incluindo nela certo ponto de vista e dando-lhe certa avaliação. (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 200).

Dessa maneira, como o signo está presente em todas as esferas ideológicas, podendo, portanto, ocupar qualquer função ideológica, seja estética, científica ou religiosa, por exemplo, seu valor dependerá das condições sócio-históricas vigentes. Isso significa que cada grupo social se apropria da língua a partir do seu próprio contexto.

---

<sup>13</sup> Esse texto faz parte da obra *A construção da enunciação e outros ensaios*, organizada por João Wanderly Geraldi e publicada pela Pedro & João Editores, em 2013.



Diante disso, a importância do estudo do signo para esses estudiosos seria saber como a realidade determina o signo e de que forma este reflete e refrata a realidade em transformação, já que, além de reproduzir determinado sentido, o signo também carrega a possibilidade de ressignificar os sentidos a cada vez que é enunciado. Assim, ele reflete e, ao mesmo tempo, altera as condições de produção sócio-históricas e, conseqüentemente, as relações entre a infraestrutura e a superestrutura, uma vez que há uma relação recíproca entre estas<sup>14</sup>, conforme Bakhtin/Volochínov (2009). Isso ocorre porque “as relações de produção e a estrutura sociopolítica que delas derivam determinam todos os contatos verbais possíveis entre indivíduos”. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 43). Interessaria, então, estudar o que a Semiótica russa denomina de palavra viva ou de acontecimento do enunciado<sup>15</sup>, já que todo signo linguístico em uso seria um signo ideológico e, portanto, estaria dotado de um valor.

Em decorrência disso, “*as formas do signo são condicionadas tanto pela organização social de tais indivíduos como pelas condições em que a interação acontece*. Uma modificação destas formas ocasiona uma modificação do signo” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 45, grifos do autor). Logo, o que confere existência a um signo é o fato de ele constituir foco de atenção de determinada comunidade e, por isso, adquirir um valor particular. Conforme ressaltam Bakhtin/Volochínov,

para que um objeto, pertencente a qualquer esfera da realidade, entre no horizonte social do grupo e desencadeie uma reação semiótico-ideológica, é indispensável que ele esteja ligado às condições socioeconômicas essenciais do referido grupo, que concerne de alguma maneira às bases de sua existência material [...] é portanto indispensável que o objeto adquira uma significação interindividual; somente então é que ele poderá ocasionar a formação de um signo. (2009, p. 46).

Desse modo, tendo denominado a realidade que dá lugar à formação de um signo de tema do signo, Bakhtin/Volochínov afirmam que

<sup>14</sup> Esses dois níveis formariam, conforme Karl Marx, a estrutura social. Assim, enquanto a infraestrutura é compreendida como a base econômica e as forças sociais, ou seja, os meios de produção e a força de trabalho da sociedade, a superestrutura é vista como as instituições políticas, religiosas, jurídicas etc., isto é, as instituições que formam os poderes de estado.

<sup>15</sup> Em geral, nas traduções para o português, essa expressão vem sendo traduzida como enunciado ou enunciação. No entanto, acreditamos que a tradução que mais se aproxime do termo russo *sobytie viskazyvanie*, utilizado por Bakhtin e o Círculo, seja acontecimento do enunciado, conforme propõe Patrick Sériot em sua última tradução de *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, publicada em 2010, justamente por entender que se trata de um processo inscrito na história e não de um produto.

o tema e a forma do signo ideológico estão indissolúvelmente ligados [...] são as mesmas condições econômicas que associam um novo elemento da realidade ao horizonte social, que o tornam socialmente pertinente, e são as mesmas forças que criam as formas da comunicação ideológica (cognitiva, artística, religiosa, etc.), as quais determinam, por sua vez, as formas da expressão semiótica. (2009, p. 47).

Diante disso, pode-se afirmar que “em todo signo ideológico confrontam-se índices de valor contraditórios. [...] Na verdade, é este entrecruzamento dos índices de valor que torna o signo vivo e móvel, capaz de evoluir”. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 47). Como os signos constituem a consciência humana, refratam também o ser que os utiliza, visto que a palavra constitui o único meio de contato entre o conteúdo interior do sujeito (a consciência) e o mundo exterior. Existe, pois, uma mútua influência do signo e do ser. Ao mesmo tempo em que o signo é motivado por uma determinada valoração dos objetos ou dos acontecimentos no mundo, dependente da estruturação da sociedade em classes (e de seus aspectos sociais, políticos e culturais), o signo faz a mediação do contato do ser com o mundo, de forma que a consciência individual emerge da consciência social.

#### Do Signo Linguístico ao Signo Ideológico

Apresentadas as concepções de signo para Saussure e para Bakhtin/Volochínov, é possível proceder a uma leitura de âmbito relacional entre elas. Pretende-se, então, discorrer sobre os principais aspectos que estruturam cada uma dessas correntes teóricas, ressaltando suas diferenças e as contribuições que trazem aos estudos da língua.

Enquanto Saussure advém de uma tradição positivista-empirista europeia, em que a ciência é fragmentada por áreas de saber, privilegiando a descrição das partes, de modo que há uma separação entre o objeto de estudo como constructo teórico e a prática em si, Bakhtin/Volochínov inserem-se em uma corrente de estudos em que se parte de uma concepção holística de ciência, não havendo separação entre as áreas do saber. Tal ausência de distinção motiva a própria concepção do objeto e do método de estudo desses pensadores: a palavra viva, isto é, a língua em acontecimento, não havendo um único método, já que este é determinado pela relação dos objetos com a história.

Assim, ao passo que Saussure se preocupa em entender de que modo os signos linguísticos se relacionam em um sistema estável, que permite aos falantes se comunicarem, Bakhtin/Volochínov querem compreender qual a influência que a infraestrutura e a

superestrutura exercem uma sobre a outra e de que modo a língua atua nesse intermédio. Isto é, qual a relação dos signos com o ser humano e, conseqüentemente, com o mundo. Nesse ponto, ressalta-se o lugar que a realidade ocupa nessas percepções acerca da língua. Esse aspecto é, para os estudiosos russos, fundamental, pois está inevitavelmente ligado aos signos, sendo motivador destes, os quais, por sua vez, também têm o poder de interferir na realidade. Já para Saussure, a realidade (no sentido de referente) não tem qualquer influência sobre os signos e sobre seu funcionamento, não havendo, portanto, interesse em averiguar a relação do signo com a realidade por ele transmitida, alterada ou mantida, conforme ocorre em Bakhtin/Volochínov. Os signos linguísticos, objetos em si mesmos, que constituem uma totalidade orgânica, conforme Bouquet (1997), possuem valor próprio e são autorreferenciais, ou seja, organizam-se em um sistema linguístico que tem valor por si próprio, até mesmo porque são arbitrários – estão baseados em uma convenção. A língua é, assim, um sistema em que os termos são solidários e em que o valor de um resulta apenas da presença simultânea e relacional de outros signos.

Dessa forma, qualquer fator que altere quer o significante, quer o significado pode, por conseguinte, alterar o signo linguístico, de modo que todo o restante do sistema se incumbirá de acomodar tais modificações sem prejuízo para a língua. O signo ideológico, entretanto, sofrerá alteração à medida que algum fator de cunho social, econômico ou cultural da comunidade semiótica que o utiliza for alterado, já que o signo sempre remete a algo fora de si mesmo, que lhe é exterior. Marca-se, aqui, novamente um ponto a ser ressaltado: o signo linguístico, interior à língua e monossêmico, distingue-se do signo ideológico, que é sempre motivado por algo externo e polissêmico, que diz respeito à própria constituição social da língua.

A definição de social precisa ser detalhada aqui, para que se compreenda o que cada uma das correntes estudadas entende por esse termo. A língua, para Saussure, é um fato social. Mas o que isso significa? Significa que suas unidades, isto é, seus signos, advêm de um hábito coletivo, de uma série de normas, aceitas por todos, que possibilitam o funcionamento do sistema e que permitem aos falantes se comunicarem: o social não se baseia na experiência, mas é fundado em um conjunto de normas. A língua é, nessa perspectiva, um produto acabado de uma coletividade; é um sistema estável e regular cujos aspectos históricos são materialmente visíveis, transparentes e evidentes. Não é necessário, portanto, recorrer a algo externo, já que a história se cristaliza e estabiliza na língua. O fato de a língua ser social, para Bakhtin/Volochínov, implica que esta existe em virtude do ser

humano e de sua ação no mundo, ou seja, em função da organização sociopolítica da sociedade que a utiliza, sendo, portanto, invariavelmente, sujeita às alterações nessa base, denominada de infraestrutura, e também às interferências da superestrutura. A língua seria, assim, social por natureza.

Por fim, ressaltam-se as implicações de uma teoria monossêmica e polissêmica de signo. Uma teoria monossêmica, conforme entende Saussure, desvincula o signo das diferentes realidades que compõem a experiência do sujeito, já que o signo é tido como um fenômeno inteiramente psíquico na mente do falante, em que o valor decorre da antinomia e em que há uma relação estável entre significado e significante. Uma concepção polissêmica, por sua vez, conforme percebem Bakhtin/Volochínov, compreende o signo como uma forma de representação que assume valor em uma comunidade socialmente organizada, sendo o valor oriundo da historicidade. Sob essa ótica, um signo não é puramente cognitivo (a cognição é condição necessária, mas não suficiente), pois depende da experiência (isto é, das vivências), de modo que o mesmo significante pode ter significados distintos.

Há, portanto, duas concepções bastante distintas de signo: o linguístico e o ideológico. Saussure, fundador de um campo de estudos, instituindo objeto e método desse campo, estabelece o que, a partir de então, ficou conhecido como Linguística. Tal feito possibilitou que essa disciplina fosse instaurada e que a língua se tornasse não mais objeto da antropologia, da sociologia, da filosofia ou de qualquer outro campo do saber: deu a ela a posição de objeto de estudo de uma ciência única, que visa estudar a língua por ela mesma.

Bakhtin/Volochínov foram os primeiros a estudar a língua como fator essencial para entender o funcionamento da ideologia (de que modo esta interfere nos sistemas simbólicos) e, conseqüentemente, como fundamento das práticas sociais. Além de enfrentarem um combate às bases filosóficas do positivismo, fundam a primeira teoria de caráter materialista do signo, indicando que os sentidos deste variam conforme suas relações de inscrição em determinado contexto concreto de uso (isto é, em uma ordem social e histórica). Os estudiosos russos estavam preocupados, desse modo, em entender a relação entre a língua, o mundo e o homem como ser simbólico.

Percebe-se, assim, que cada uma dessas correntes tem propósitos e fundamentos diametralmente distintos, permitindo contribuições e análises também distintas. Enquanto que, para Saussure, a língua é explicável por si mesma e comporta-se como um fenômeno que possui uma causa própria, pois o sistema linguístico consiste em uma organização interior à

própria língua, para Bakhtin/Volochínov, a língua está indissociavelmente ligada ao ser humano e à sua ação no mundo.

Desse modo, pode-se afirmar que, embora a teoria proposta por Saussure tenha sido precursora e importante para a instituição de um campo do saber, ainda que fragmentado, ela não responde a algumas questões, tais como a mediação exercida pela língua entre o ser humano e o mundo, que nos interessam neste estudo. Não acreditamos em uma objetividade da língua, como se ela, por si só, fosse dotada de sentidos e dispensasse a história, nem tampouco na total cisão entre objeto e pesquisador, como prevê o positivismo e, logo, a teoria linguística de Saussure. Assim como defendem Bakhtin/Volochínov, partimos da ideia de que a materialidade linguística só pode ser compreendida se entendermos de que modo um signo linguístico se torna ideológico, isto é, de que forma a relação monossêmica entre significado e significante passa a ser polissêmica, sendo determinada pelas relações de produção, mas também alterando a realidade que lhe deu origem.

Assim, podemos dizer que, se o significado é apreendido mediante a experiência e se a língua atua como intermédio, toda palavra é polissêmica, ou seja, a relação entre significado (sentido) e significante (forma) não é fixa nem permanente: ela varia conforme o contexto, isto é, os aspectos sociais, históricos e culturais em que acontece. Logo, não nos interessa prever a relação fixa ou habitual que constitui os signos, mas justamente aquilo que a palavra, naquele uso, denuncia acerca do contexto. Ainda que se tente uma visão imparcial do objeto de estudo, uma leitura automática não é possível nem desejável, pois não revelaria mais que as acepções previstas pelo dicionário, ou seja, aqueles significados fixos e estáveis atribuídos ao signo linguístico, que é estático e, portanto, morto. Dessa forma, o que interessa é aquilo que o signo revela sobre suas condições de produção.

Diante disso, perguntamos: quais os interesses ou embates de interesses demonstrados pelos signos ideológicos (vivos e em uso)? Para responder a essa questão, os gêneros do discurso servem como categoria de análise justamente por aquilo que revelam dos modos de produção dos sujeitos, permitindo uma leitura da forma como a realidade foi experienciada e formou/moldou aquele sujeito, bem como suas práticas, que são movidas por seus interesses.

Creemos então que os sujeitos, ao enunciarem, inevitavelmente, posicionam-se sobre aquilo de que falam, demonstrando os valores que estruturam suas práticas. Por esse motivo, tendo em vista o escopo deste estudo, que consiste em analisar quais são os mecanismos linguísticos que estruturam determinados discursos em uma mesma área do conhecimento, denunciando certos interesses e refratando outros, questão sobre a qual nos deteremos em

outra abordagem, optamos por partir do pensamento de Bakhtin e o Círculo para refletir sobre esse assunto.

## Referências

BAKHTIN, Mikhail Mikhailoch. Os gêneros do discurso. In: \_\_\_\_\_. *Estética da Criação Verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010. p. 261-306.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailoch/VOLOCHÍNOV, Valentin Nikolaevich. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. Problemas fundamentais do Método Sociológico na ciência da Linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

BOUQUET, Simon. *Introdução à Leitura de Saussure*. Tradução de Carlos A. L. Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Cultrix, 1997.

NORMAND, Claudine. *Convite à Linguística*. Tradução de Cristina de Campos Velho Birck et al. São Paulo: Contexto, 2009.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. Tradução de Antônio Chelani, José Paulo Paes e Izidoro Bilkstein. São Paulo: Cultrix, 2006.

VOLOCHÍNOV, Valentin Nikolaevich. *A Construção da Enunciação e outros Ensaios*. Tradução de João Wanderly Geraldi. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

VOLOCHÍNOV, Valentin Nikolaevich; BAKHTIN, Mikhail Mikhailoch. A palavra na vida e na poesia: introdução ao problema da poética sociológica. In: \_\_\_\_\_. *Palavra Própria e Palavra outra na Sintaxe da Enunciação*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011. p. 145-181.

Recebido em: 14 de novembro de 2017.

Aceito em: 20 de dezembro de 2017.